



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Na ponta do Bico: mapeando os jornais impressos no Bico do Papagaio¹

Alan MILHOMEM²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, (SC)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar um mapeamento dos jornais impressos na região do Bico do Papagaio, no Tocantins, a partir de uma revisão de literatura. Esse estudo busca identificar e analisar as publicações impressas que circulam na região, destacando sua importância na disseminação de informações locais. Foi possível verificar a existência de jornais na microrregião quando ainda era estado de Goiás, mas que aos poucos foram desaparecendo e passaram a ser concentrados nas maiores cidades do estado. A análise revelou que os jornais impressos do Bico do Papagaio desempenham um papel importante na comunicação social da região, abordando temas locais como política, economia, cultura e cotidiano das comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo regional; imprensa; Tocantins.

1 INTRODUÇÃO

O Tocantins fica localizado na Região Norte do Brasil, foi desmembrado de Goiás e é uma das três unidades da federação criadas com a Constituição de 1988. Mas a história da região que hoje é demarcada geograficamente como Estado do Tocantins é marcada por mais de 300 anos de ocupação de colonizadores europeus e africanos escravizados (Silva; Rocha, 2017). Com uma área territorial de 277.720,412 km², formado por 139 municípios e com uma população de 1.511.460 habitantes (IBGE, 2022), o Tocantins é dividido geograficamente em oito microrregiões, são elas: Bico do Papagaio; Araguaína; Miracema do Tocantins; Porto Nacional; Rio Formoso; Gurupi; Dianópolis e Jalapão. Os municípios de Araguaína, Gurupi e Palmas se destacam por serem os mais populosos e por concentrarem os distritos industriais do Estado.

¹Trabalho apresentado no 18º SIMCOM - 18º Simpósio de Comunicação da Região Tocantina.

²Doutorando em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (Unifap). Pesquisador no Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia (NEPJor/UFT). E-mail: milhomemalan@gmail.com



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

No cenário midiático, o Tocantins apresenta uma peculiaridade, pois a imprensa nasceu no então interior de Goiás e depois migrou para Palmas a partir de 1988 (Pinto, 2015). O Grupo Jaime Câmara é a maior empresa de comunicação que atua no estado e possui rádios, sites e televisão nas cidades de Palmas, Araguaína e Gurupi. A principal característica da mídia tocantinense é a dependência das verbas públicas e da publicidade política (Rocha; Soares; Araújo, 2014).

Em 2016, o Mapa da Mídia do Tocantins, elaborado pelo Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia, da Universidade Federal do Tocantins (NEPJor/UFT), catalogou 81 sites, 42 jornais impressos, 16 emissoras de televisão e 37 rádios atuando no estado. Já na atualização do mapa realizada em 2020, esses números foram alterados, passando para 74 sites, 04 jornais, 18 emissoras de televisão e 61 rádios. Com relação aos impressos, dos quatro que ainda continuam imprimindo suas edições, três ficam em Palmas e apenas um no interior, localizado na cidade de Pedro Afonso. Vale ressaltar que nenhum deles circula diariamente (Rocha; Sousa; Alves, 2020).

Percebemos que a maioria dos veículos está concentrada nas cidades de Araguaína, Gurupi e na capital Palmas. Enquanto outros municípios do estado vivem um cenário de desertos de notícias, isto é, não possuem veículos de comunicação, como é o caso da microrregião do Bico do Papagaio, que fica no extremo norte do Tocantins, na divisa com os estados do Pará e Maranhão e na zona de confluência dos rios Araguaia e Tocantins. Conforme Silva e Rocha (2017), a microrregião é marcada pelas atividades econômicas de subsistência, a cultura cabocla e sertaneja e a proximidade entre os municípios, que possuem baixa densidade demográfica. Outra característica da região são as marcas dos conflitos na luta pela terra durante o final do século passado, além de muita dependência dos investimentos públicos.

No cenário midiático, segundo a última atualização do Mapa da Mídia do Tocantins, o Bico do Papagaio conta com 13 veículos de comunicação, entre rádios e sites, distribuídos em oito municípios dos 25 que compõem a microrregião. Não há registros de canais de televisão e jornal impresso em circulação na microrregião no ano de 2020. Já o Projeto Atlas da Notícia, atualizado em 2021, contabilizou nove veículos de comunicação distribuídos em seis municípios.



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Os municípios polos de Augustinópolis, Araguatins e Tocantinópolis concentram os serviços de mídia, com maior presença dos veículos nessas cidades. Elas também concentram os serviços de saúde, educação, bancários e de segurança pública na microrregião. Conforme o Mapa da Mídia, Augustinópolis conta com uma rádio e um site, mas no mapeamento para esta pesquisa já identificamos mais dois sites sediados na cidade. Por fim, no Mapa da Mídia, Araguatins aparece com três sites e uma rádio. Nos levantamentos para esta pesquisa, já identificamos mais uma rádio em operação na cidade.

A partir desta breve caracterização, este artigo tem o objetivo de traçar o percurso histórico dos principais jornais impressos que circularam no Bico do Papagaio, tendo em vista que há poucos registros sobre a imprensa nesta microrregião. Além disso, nos mapeamentos apresentados anteriormente não há história dos veículos que já circularam nessa microrregião tocantinense. Essa caracterização da produção impressa também servirá como ponto de partida para buscar identificar e compreender as práticas jornalísticas biquenses atualmente.

Para realizar o mapeamento, foi utilizada uma abordagem qualitativa baseada em uma revisão de literatura. Foram consultadas fontes diversas, como artigos acadêmicos, monografias, dissertações e teses que tratam do jornalismo impresso na microrregião. Isto permitiu uma visão abrangente da produção jornalística local. A revisão de literatura destacou a evolução histórica dos periódicos, identificando as principais publicações e suas características editoriais.

2 LINHA DO TEMPO: OS JORNAIS IMPRESSOS NO BICO DO PAPAGAIO

Com a publicação do jornal pioneiro Folha do Norte, em 1891, na cidade de Porto Nacional, os jornais impressos foram, por quase 100 anos, a única mídia regional no então norte de Goiás, atual Tocantins. Os veículos feitos ainda artesanalmente davam conta dos acontecimentos locais. E foi nesses jornais que houve a primeira divulgação de forma contundente do interesse da população local em desmembrar do estado de Goiás, que pouco fazia pela região. Esses periódicos também são os responsáveis por divulgar os primeiros símbolos identitários dessa



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

localidade, ganhando assim destaque. Embora tenham chegado pouco antes da criação do estado do Tocantins, o rádio e a televisão só se desenvolveram na região com a criação do novo estado (Bucar, 2019).

Ainda segundo o autor, o primeiro centenário da imprensa tocantinense pode ser dividido em três períodos: i) de 1891 a 1930 (Tipo Sertaneja), com a publicação de jornais na cidade de Porto Nacional e seu entorno, texto formal, linguagem impoluta e formato ofício; ii) de 1930 a 1960 (Tipo Autonomista), quando a imprensa se espalha, principalmente por conta das navegações no Rio Tocantins, e ganha as cidades de Pedro Afonso e Tocantinópolis, antiga Boa Vista de Goiás, passando a ter circulação regional, texto informativo, linguagem formal e imprensa engajada; iii) de 1960 a 1988 (Tipo Utilitária), quando Araguaína assume a condição de polo da imprensa e se estabelece como a cidade de referência para a região do extremo norte de Goiás. A imprensa assume características comercial, autossuficiente, moderna, atuação ampla e fraca cobertura regional.

Surge na maior cidade do Estado, Porto Nacional, expande para novas fronteiras de desenvolvimento, Pedro Afonso e Tocantinópolis, e se transforma em porta-voz da região. Estas três cidades formam o que se passou a chamar de corredor fluvial da notícia. Até os anos 50, os municípios mais desenvolvidos da região se localizavam nas margens do rio Tocantins, favorecidos pela navegação que impulsionava o comércio, a comunicação e promovia a integração. A partir dos anos 80, o polo de comunicação deixa a margem do rio Tocantins e passa a se estabelecer nas margens da BR-153, a Rodovia Belém-Brasília, o novo eixo de desenvolvimento da região. Gurupi, Paraíso do Norte, hoje Paraíso do Tocantins, e Araguaína passam a contar com jornais e emissoras de rádio, sendo que Gurupi e Araguaína passam a contar também com emissoras de televisão (Bucar, 2019, p. 65-66).

No levantamento de Bucar (2019), 41 jornais foram editados na região norte do então Goiás no período de 1891-1988, quando foi criado o Tocantins com a Constituição Federal. Conforme o autor, o isolamento, a falta de estrutura e de leitores foram os motivos que provocaram o retardamento da imprensa na região, mas que depois floresceu com o desenvolvimento das atividades fluviais pelo Rio Tocantins e a construção de rodovias. Ainda segundo o autor, a partir dos anos 40,



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Tocantinópolis chegou a rivalizar com uma das cidades mais antigas do então norte goiano, Porto Nacional. Ao todo, o autor catalogou cinco jornais que circularam em Tocantinópolis nesse período (Quadro 1).

Quadro 1 - Jornais impressos editados em Tocantinópolis

Jornal	Ano	Responsáveis	Características
Voz do Norte	1940/1940	Olíbrio Lima	→ Formato tabloide com quatro páginas e quatro colunas. → Tiragem desconhecida
Correio do Norte	1948/1953	Antônio Gomes Pereira e Renato Soares	→ Informativo quinzenal, formato tabloide, quatro páginas, três colunas, ligado ao PSD. → Direcionado ao público da região extremo norte de Goiás, denominada de Bico do Papagaio.
O Tocantins	1950	Darci Marinho e Tibério Maranhão Azevedo	→ Formato tabloide, com quatro páginas e quatro colunas. → Preto e branco com uso de fotografia por meio de clichê. → Não há informações sobre tiragem e tempo de duração do periódico. → Veículo de sustentação política da UDN/PSP.
A Palavra Livre	1953-1954	Darci Martins Coelho e Messias Alves Bezerra	→ Informativo independente → Ofício, quatro páginas e quatro matérias → Adoção de fotografia com impressão por meio de recursos de clichê. → Boa apresentação gráfica e edição criteriosa com matérias políticas e reportagens na primeira página e nas seguintes, assuntos triviais como notas e sociais. → Mantido basicamente com recursos de assinaturas e alguns anúncios comerciais.



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Verdade	1956	Ribamar Marinho, Antonio Fernandes Santos e Raimundo Guimarães	→ Formato tabloide, quatro páginas, quatro colunas → Matérias a partir da capa compondo com notas diversas → Semanário → Informativo, político e independente
---------	------	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Bucar (2019).

Esses primeiros registros de edição e circulação da mídia impressa em Tocantinópolis mostram a ligação direta dessas produções com o desenvolvimento local e o cenário político. Esses jornais passaram a ser produzidos principalmente por conta do fluxo fluvial no Rio Tocantins, que serviu para integração entre a cidade mais antiga de Porto Nacional e o extremo norte, no caso Tocantinópolis. Esta que também aproveitou a proximidade com a cidade de Carolina, no Maranhão, que já tinha experiência na produção de jornais.

Figura 1 - Palavra Livre, um dos jornais produzidos em Tocantinópolis



Fonte: Bucar, 2019.



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Todos os periódicos produzidos nesse período eram feitos por políticos ou pessoas com ligações com o cenário político local, sendo produzidos por líderes locais ou pessoas que usavam essa mídia para se tornar conhecidos na região e depois galgar cargos políticos. O Correio do Norte era ligado ao PSD e editado por Antônio Gomes Pereira, líder político local que exerceu o cargo de prefeito. Tibério Maranhão Azevedo, editor de O Tocantins, depois também se dedicou à carreira política. Uma prática que perdura até os dias atuais, porém, atualmente, ocorre por meio de sites, rádios e redes sociais.

Segundo Bucar (2019), a fonte de financiamento dos jornais dessa época vinha quase sempre das assinaturas e dos investimentos privados, pois essas cidades onde a imprensa se desenvolveu no então norte goiano eram entrepostos comerciais nessa época. Além disso, os financiadores desses jornais almejavam carreira política e aproveitavam dessas mídias para conquistar poder. Ainda segundo o autor, por conta dessas fontes de financiamento, os jornais desse período tinham baixa tiragem, que girava em torno de uma centena de exemplares.

Nesse período, também se verificou a formação de uma rede de comunicação entre os jornais, que republicavam notícias uns dos outros. Havia essa interação entre os jornais das cidades de Porto Nacional, Pedro Afonso e Tocantinópolis, que também produziam seus conteúdos a partir da escuta de rádios de alcance nacional. Eles ouviam e destacavam as notícias de interesse regional para veicular nos noticiários do norte goiano (Bucar, 2019).

Com o desenvolvimento proporcionado pela construção da rodovia Belém-Brasília, a movimentação e os entrepostos comerciais saem do rio e vão para as estradas. Isso levou a mudança dos jornais para a cidade de Araguaína, que ficou em posição privilegiada com a construção da nova rodovia. A partir daí, a cidade passa a ser o centro de produção da imprensa mais importante do então norte goiano. Vários jornais passaram a ser produzidos na cidade, entre eles o Jornal do Tocantins, que foi o principal jornal impresso do estado do Tocantins e circulou por quase 40 anos.

Conforme Silva (2018), o JTO foi o principal veículo a registrar as lutas pela criação do Tocantins e a promulgação da Constituição Federal, 18 de outubro de



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

1988, que criou o estado do Tocantins. Em 2010, o jornal chegou a contabilizar 29 pessoas atuando diretamente na redação. O periódico circulou em 65 municípios tocantinenses, cobrindo 47% do estado, além de circular pelos estados de Goiás, Maranhão e no Distrito Federal, com cerca de 4 mil exemplares. Na edição de número 7.578, de 30 de dezembro de 2018, o diário anunciou o fim da versão impressa, mas continua com a versão digital.

Com as mudanças na infraestrutura e na economia da região norte devido à construção da Rodovia BR-153, houve uma mudança também na produção dos jornais regionais. Conforme Bucar (2019), os jornais sofreram mudanças gráficas, passaram a ser impressos na capital Goiânia, tinham maior tiragem, financiamento publicitário do governo e de empresas privadas. Porém, de acordo com o autor, os noticiários perdem o caráter local e o engajamento com as causas da então região norte goiana. “Os jornais desse período ganham caráter estadual, mas deixam a desejar na cobertura regional. Acontece um fenômeno que se poderia chamar de “desterritorialização” da notícia” (Bucar, 2019, p. 138).

Isso ocorreu, segundo o autor, porque os jornais ampliaram seu raio de cobertura e deixaram de ter o foco no local como os anteriores, até por conta da circulação que agora acontecia em várias cidades da região por conta da rodovia criada e dos melhores acessos às cidades locais. Cidades estratégicas nesse eixo contavam com colaboradores que enviavam notícias para esses jornais e também distribuíam as edições nas cidades onde residiam. Além disso, a comunicação começa a ser um negócio e com visão de lucro nesse período.

Neste percurso histórico dos jornais impressos no Bico do Papagaio, é possível identificar também a circulação do informativo Voz do Norte, produzido pela igreja católica. Este foi um instrumento para denúncias sobre os diversos conflitos agrários que aconteciam na região. O informativo da então Diocese de Tocantinópolis do Goiás circulou entre os anos de 1983 e 1986. A publicação foi criada para ser um mecanismo de comunicação da diocese com os fiéis e padres da região. O informativo também foi um espaço para a articulação entre fé e política, com orientações e reflexões sobre as ações religiosas e as ações da resistência camponesa (Silva, 2023).

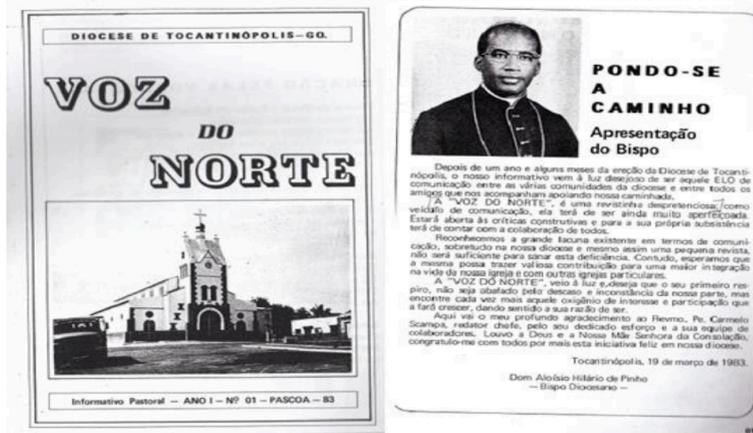


MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Figura 2 - Capa da primeira edição do informativo Voz do Norte



Fonte: Silva, 2023.

Ainda segundo Silva (2023), o informativo era simples e nas suas capas sempre trazia a fotografia da praça central da cidade de Tocantinópolis, sede do município e da diocese. A catedral ao fundo da praça é a igreja de Nossa Senhora da Consolação, padroeira do município e da diocese. O prédio segue com as características desta época até hoje. O informativo era impresso na Universidade Católica de Goiás, localizada em Goiânia. Não há registros da tiragem do informativo, mas a distribuição era feita para assinantes que pagavam em torno de Cr\$ 1.000,00 (mil cruzeiros). Os interessados em ter o informativo deveriam procurar a paróquia para preencher o formulário de assinatura. O informativo era impresso em papel A4, dobrado e contava com textos e fotos.

Depois de um ano e alguns meses da ereção da Diocese de Tocantinópolis, o nosso informativo vem à luz desejoso de ser aquele ELO de comunicação entre as várias comunidades da diocese entre todos os amigos que nos acompanham apoiando nossa caminhada. A 'VOZ DO NORTE', é uma revistinha despreziosamente; como veículo de comunicação, ela terá de ser ainda muito aperfeiçoada. Estará aberta às críticas construtivas e para a sua própria subsistência terá de contar com a colaboração de todos. Reconhecemos a grande lacuna existente em termos de comunicação, sobretudo na nossa diocese e mesmo assim uma pequena revista não será suficiente para sanar esta deficiência. Contudo, esperamos que a mesma possa trazer valiosa contribuição para uma maior integração na vida da nossa igreja e com outras igrejas particulares [...].



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Tocantinópolis, 19 de março de 1983, Dom Aloísio Hilário de Pinho - Bispo Diocesano (Voz do Norte, ano 01, n. 1, 1983, p. 1 *apud* Silva, 2023, p. 67).

É importante destacar que a vila de Boa Vista de Goiás foi elevada a município em 1858. A mudança do nome para Tocantinópolis só ocorreu em dezembro de 1943 e levou em conta a proximidade da cidade com o Rio Tocantins. Depois de elevada à cidade, a então capela passou a ser paróquia, que foi a única do extremo norte de Goiás por quase 90 anos. De 1897 a 1947, o único pároco foi Cônego João de Souza Lima, que ficou conhecido na região e hoje nomeia várias ruas nas cidades do norte tocantinense.

[...] em 1954, ela (Paróquia de Nossa Senhora da Consolação) foi elevada à Prelazia e, em 1980, à diocese de Tocantinópolis. O primeiro bispo da Diocese de Tocantinópolis foi Dom Aloísio Hilário de Pinho, o fundador da revista a Voz do Norte. Ele é brasileiro, do interior de Minas Gerais, e veio para a região, exatamente, para assumir a nova Diocese. Ele reconheceu a necessidade da revista, justificada a sua criação, esperava-se que ela ajudasse na integração entre os fiéis católicos e seus padres e bispo (Silva, 2023, p. 69).

Ao analisar os textos publicados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), no informativo Voz do Norte, Silva (2023) verificou que a comissão divulgava a violação dos direitos dos camponeses no Bico do Papagaio e destacava os nomes das pessoas, autoridades e instituições envolvidas com a desocupação da região, como os grileiros, juízes, pistoleiros, polícia militar, polícia federal, políticos e proprietários de terras.

Naquele momento, de acirramento dos conflitos agrários no país, em especial, no “Bico do Papagaio”, parte da elite eclesiástica, posiciona-se a favor dos “posseiros” e contra a grilagem de terras (VOZ DO NORTE, 1983, nº1). [...] O periódico foi um instrumento de denúncias, e os denunciados, em sua maioria, autoridades do poder público local, sabiam do respaldo do período do regime militar alinhava seus interesses com os grandes produtores, coronéis e grileiros. Contribuindo com as arbitrariedades e violências contra os pequenos produtores e moradores tradicionais da região (Silva, 2023, p. 127).



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Destacamos a circulação do Voz do Norte no Bico do Papagaio neste trabalho por entendermos, a partir do trabalho de Silva (2023), que o informativo, apesar do caráter institucional da produção, foi uma iniciativa que serviu para noticiar os conflitos na região, desafiar as autoridades da ditadura militar no Brasil e promover uma certa mobilização em torno dos conflitos agrários no Bico do Papagaio.

Nesse período também, mais precisamente em 1982, houve a emancipação política do município de Augustinópolis. Aproveitando esse novo momento para a região, Anderson Dias, mais conhecido como Adelson Cabeludo, criou o jornal Folha do Interior com o objetivo de noticiar os acontecimentos do Bico do Papagaio. O jornal era quinzenal e às vezes semanal e permaneceu com esse primeiro nome até 1994, quando passou a se chamar Voz do Bico e ser comandado por Paulo Palmares, que trabalhava com Anderson Dias. Este deixou a produção do periódico por questões pessoais e financeiras. Com o novo proprietário, a mudança veio para trazer mais identificação com a região. Nessa primeira década, o jornal era produzido em Augustinópolis, mas editado e impresso em outras cidades (Goiânia e Imperatriz) por falta de estrutura na região (Silva e Rocha, 2023).

Ainda segundo os autores, a primeira edição impressa do jornal Voz do Bico circulou em dezembro de 1994. A partir de então, o veículo passou a ter periodicidade mensal até 2016. Depois disso, passou a circular de forma esporádica e, em 2018, circulou pela última vez no formato impresso. Como desde o início, as notícias sempre sobre o Bico do Papagaio, com foco em Augustinópolis e cidades ao entorno, além de algumas informações sobre o estado que interessavam a microrregião. O Voz do Bico foi responsável por registrar parte da história da região principalmente a partir de fontes oficiais, como prefeituras, câmaras municipais, polícias Civil e Militar, além de organizações da sociedade civil.



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Figura 3 - Capas do jornal Voz do Bico em 1994 e 2018



Fonte: Silva e Rocha, 2023.

Do início dos anos 1990 até o início dos anos 2000, o jornal Voz do Bico foi um dos únicos a registrar os acontecimentos do Bico do Papagaio, principalmente relacionados à política e à sociedade local. O jornal contava com espaços para anúncios que custeavam a produção e impressão das edições. No início dos anos 2000, com a chegada da internet na microrregião, começou a concorrência com os veículos estaduais e nacionais que poderiam ser acessados via internet, além dos sites de notícias nacionais que passaram a existir (Silva e Rocha, 2023).

Inovando e sendo um dos primeiros do estado do Tocantins a criar versão on-line, o jornal Voz do Bico criou a primeira versão do site do noticioso em 1997. Ainda de forma experimental, mas já conseguia publicar alguns conteúdos produzidos na versão impressa do jornal. O site deslançou na primeira década dos anos 2000, quando também apareceram outros noticiosos on-line na microrregião.

De acordo com Silva e Rocha (2023), a produção jornalística do Voz do Bico sempre foi marcada pela realidade da microrregião do Bico do Papagaio, com foco na cidade de Augustinópolis, onde se localiza a sede do veículo, e os municípios ao redor, como Axixá, Praia Norte, Sampaio, Carrasco Bonito e Sítio Novo do Tocantins. Em 2017, ao analisar a produção jornalística do site Voz do Bico, Silva e Rocha (2017) constataram que o veículo tem características do jornalismo hiperlocal, produção diária de conteúdos e destaque para as particularidades do Bico do Papagaio.



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

Em 2018, a versão impressa do Jornal Voz do Bico circulou pela última vez. O término da versão impressa se deu principalmente por questões financeiras, pois o custo para produzir e imprimir o jornal é considerado elevado pelo proprietário e as publicidades não conseguiam mais custear essa produção. Desde então, o Voz do Bico permanece apenas com o site de notícias [www.vozdobico.com.br] que segue a mesma linha da versão impressa e tem como foco a microrregião. O site é atualizado diariamente com notícias locais, regionais e nacional. Em meados de 2024, o Voz do Bico passou a publicar uma versão reduzida do jornal impresso com as principais notícias publicadas durante a semana no site. Essa publicação segue todo o projeto editorial da versão impressa, porém é publicada apenas de forma digital no site e distribuída nos grupos de aplicativos de mensagens instantâneas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta linha do tempo traçada aqui mostra que a microrregião tem uma produção noticiosa há mais de oito décadas, sempre relacionada com o desenvolvimento local. Inicialmente como ciclo fluvial pelo Rio Tocantins, depois pela construção da Rodovia Belém-Brasília e seguida da migração para a região por conta dos ciclos econômicos nos vizinhos estados do Pará e Maranhão. As produções sempre foram realizadas por entusiastas da comunicação e com interesses políticos e econômicos, pois até hoje ainda é pouca a presença de jornalistas com formação acadêmica no Bico do Papagaio.

Essas produções impressas também refletem a dedicação de pessoas em documentar e divulgar a realidade local. Inicialmente com o intuito de mostrar as carências da região mais esquecida pelo governo de Goiás, depois com o intuito de fortalecer o movimento separatista e de criação do estado do Tocantins, além dos conflitos agrários na microrregião. Apesar das limitações financeiras e operacionais, os jornais impressos desempenharam um papel importante no jornalismo local ao registrar as questões e histórias que não ganharam espaço nas mídias da capital goiana e depois da capital tocantinense.



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

REFERÊNCIAS

- BUCAR, R. A. P. **Ecos do Tocantins: a imprensa no norte de Goiás**. 2019. 200f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/5028>. Acesso em: 30 jun. 2024.
- PINTO, P. A. **Mídia regional brasileira: características dos subsistemas midiáticos das regiões Norte e Sul**. 2015. 315f. Tese (Doutorado em Comunicação) -Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Disponível em: https://ppgcom.uff.br/wp-content/uploads/sites/200/2020/03/tese_doutorado_2015_pamela_a_raujo.pdf. Acesso em: 30 jun. 2024.
- ROCHA, L. V.I; ALVES, Y. M.; SOUSA, S. M. de. Mapa da mídia no Tocantins: levantamento dos veículos entre 2016 e 2020. In: GRADIM, A.; SERRA, P. (org.). **Anuário internacional de comunicação lusófona 2019/2020**. Covilhã: Labcom/UBI, 2020. Disponível em: https://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20210521948-anuario_internacional_comunicacao_lusofona_2019_2020.pdf. Acesso em: 30 jun. 2024.
- ROCHA, L. V.; SOARES, S. R.; ARAÚJO, V. T.. Abrangências locais no jornalismo online do Tocantins. **Revista Comunicação & Inovação**, v. 15, n. 29, p. 171-185, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/ci.vol15n29.2866>. Acesso em: 30 jun. 2024.
- SILVA, A. M. da; ROCHA, L. V.. Na ponta do bico: o jornalismo hiperlocal na região do Bico do Papagaio (TO). **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, PR, v. 4, n. 2, p. 3–20, 2017. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/10679>. Acesso em: 30 jun. 2024.
- SILVA, A. M; ROCHA, L. V. Jornalismo hiperlocal na microrregião do Bico do Papagaio (TO): trajetória e produção dos sites Voz do Bico e TocNotícias. **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 11, n. 24, p. e023007, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/5148> Acesso em: 27 dez. 2023.
- SILVA, L. A. G. **Conflito Agrário e Resistência Camponesa nas Páginas do Informativo Pastoral 'Voz do Norte' (1983-1986)**. 2023. 142f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2023. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/7339>. Acesso em: 30 jun. 2024.
- SILVA, A. M. da. As dimensões convergentes no webjornalismo regional: uma análise dos sites do Jornal do Tocantins e o Estado do Maranhão. 2018. 208f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, Palmas, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/1148>. Acesso em: 30 jun. 2024.